

MARÍTIMO — SINTRENSE

(Continuação da 7.ª pág.)

tinha esgotado as substituições. Depois de vários minutos de assistência por parte do seu massagista, Neto lá continuou debaixo da baliza, mas em precárias condições.

Um outro remate do Sintrense surgiu. Neto realizou uma boa defesa e novamente caiu no solo ressentindo-se da lesão. E, novamente, assistido, continuou no seu posto.

De louvar o seu espírito de sacrifício mas, quanto a nós que ainda consideramos o futebol profissional desporto, aqui fica o nosso protesto. A saúde dos atletas está, para nós, acima de qualquer vitória desportiva. Aliás, é a razão fundamental do desporto — a salutar prática desportiva.

Quando a nós a sua saída do relvado impunha-se. Dos seus dez companheiros, um podia vestir a sua camisola. Não queremos «meter foice em seara alheia», mas o nosso prisma desportivo é este.

A finalizar queremos salientar que consideramos, apesar de tudo, o resultado certo. Que Neto, Eduardinho, Amaral e Nelo foram, na nossa

opinião, os melhores jogadores no relvado e que a arbitragem esteve certa.

Finda a partida. Eduardinho, a «vedeta» que reapareceu no Marítimo, disse-nos:

— Jogo de verdadeiro campeonato, com as duas equipas a procurar a vitória. Podíamos ter sido mais felizes! Justificamos a vitória por dois ou três zero.

Achei o Sintrense uma equipa «arrumada», aonde não existem vedetas, mas sim um espírito de equipa, trocando bem a bola e procurando «queimar» o nosso jogo atacante.

Na cabine do Sintrense, o «capitão» Vítor Marques:

— Jogo bem disputado, onde houve um feliz vencedor. Mais uma vez o Sintrense meteu o gola da derrota na sua própria baliza.

Pela minha parte esta é a segunda vez que tive essa infelicidade esta época.

Gostei do Marítimo, principalmente na primeira parte. Está com mais força e mais bem arrumado que na primeira volta. Felicidades na sua «corrida» para a subida de Divisão.



O Síntrense viajou até ao Funchal para dificultar a vida ao Marítimo. Afinal... perdeu poucos (0-1), mas perdeu

MARÍTIMO, 1 — SINTRENSE, 0

UM MEIO «AUTO-GOLO»

Record 15/2/76

(SIMPLÍCIO PESTANA)

Estádio dos Barreiros, no Funchal.

Árbitro: Manuel Marques dos Santos, de Setúbal.

MARÍTIMO — Neto; Vasco, Emanuel «cap.», Arnaldo e Fernando; Duarte, Henrique, Eduardinho; Tininho, Edvaldo e Calisto.

SINTRENSE — Amaral; Américo; V. Marques «cap.», Luz; Alvarado; Marques, Moraes, Alcino e Marquitos; Rogério e Nelo.

Ao intervalo: 1-0.

Marcador — Vítor Marques, aos 23 minutos (na própria baliza).

Substituições — No Marítimo, Chico e Emanuel Silva renderam Eduardinho e Edvaldo; e No Sintrense, Caetano ocupou o posto de Alcino.

Vários factores motivaram alguns milhares de espectadores a deslocarem-se ao Estádio dos Barreiros para assistirem ao encontro Marítimo-Sintrense.

E desses factores avultam: a esperança na recuperação de alguns pontos perdidos durante a primeira volta; o regresso de Joel, do Brasil; o retorno de Eduardinho, lesionado durante várias semanas, e o valor do Sintrense, com um ponto a menos do que o Marítimo.

Simplemente a expectativa geral foi gerada pelo futebol praticado ao longo de toda a partida.

Como lhe competia a equipa verde-branca iniciou a partida com um futebol de características deliberadamente atacantes.

bem como um outro a aparecer no centro defensivo nas jogadas atacantes do adversário.

Este esquema de jogo não sofreu alteração alguma até ao autogolo de Vítor Marques, quando pretendeu cortar, de cabeça, um centro de Calisto. Foi um lance infeliz do capitão sintrense que, desviando a trajectória do centro de Calisto para Tininho, traiu o seu guardião Amaral.

Depois deste golo e após uma momentânea explosão atacante do Sintrense, a equipa do Marítimo instalou-se no meio campo contrário, estabelecendo um domínio que durou até ao intervalo. O marcador podia ter funcionado quando Eduardinho viu um seu remate ser devolvido pela trave, mas o certo é que na «zona da verdade», o centro atacante Edvaldo estava em dia não.

E o intervalo chegou sem que se registasse alteração no marcador.

Depois, e logo nos primeiros minutos do tempo complementar, um remate de Emanuel, do «meio da rua», e, pouco

depois, um outro de Edvaldo, encontraram a barra da baliza de Amaral na sua trajectória.

O um-zero mantinha-se. O Marítimo começou a baixar de rendimento. Eduardinho começou a acusar a longa ausência e a equipa começou a sentir esse facto.

Por seu turno, o Sintrense cresceu. Era a altura ideal para tentar, com mais intensidade, o golo do empate.

Assim, quando o relógio assinalava a passagem da meia hora da segunda parte, Nelo teve uma boa oportunidade de empatar a partida. Valeu ao Marítimo, na circunstância, a excelente defesa de Neto.

Foi o aviso, a explosão do Sintrense! Daí até final foram os homens de Sintra quem mais procurou o golo, o qual não surgiu porque Neto e seus companheiros da defensiva verde-rubra não permitiram.

Queremos aqui focar o espírito de sacrifício do guardião do Marítimo. Num choque accidental com Caetano, ficou lesionado. Da sua boca saiu sangue e o Marítimo já

(Continua na 15.ª pág.)